



A Universidade e o Poder

Governação da Universidade

Poder e Ciência

Do Iluminismo à Autonomia

Temas

O Ramo Educacional

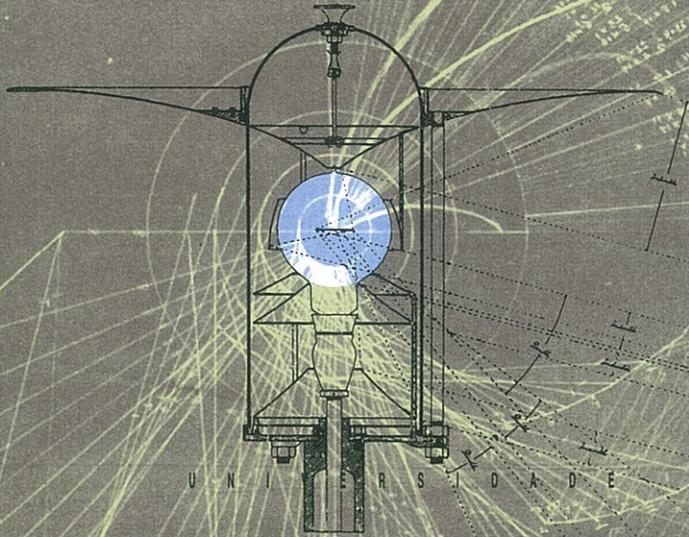
da Faculdade de Letras

Entrevista

Cândido da Agra

Universidade

Carlos A. Ferreira de Almeida



U N I V E R S I D A D E D O P O R T O

Boletim



Ficha Técnica

Director

Alberto Amaral,
Reitor da Universidade do Porto

Sub-Directora

Prof.ª Teresa Lago (FCUP)

Coordenação Editorial e Redacção

Maria Isabel Pacheco (coordenadora)
Paulo Gusmão Guedes (coordenador adjunto)

Conselho editorial

Prof. Alexandre Alves Costa (FAUP),
Prof. Arnaldo Saraiva (FLUP),
Prof. Joaquim Borges Gouveia (FGT/FEUP),
Prof. Jorge Olímpio Bento (FCDEF),
Prof. José Madureira Pinto (FEP),
Prof. Manuel Sobrinho Simões (FMUP),
Prof. Paulo Tavares de Castro (FEUP).

Coordenador do número

José Madureira Pinto

Arranjo Gráfico

Incomun

O *Boletim* agradece à Biblioteca do Hospital Conde Ferreira a cedência da gravura da página 35, retirada de "L'Homme Criminel", de César Lombroso, 1888.

Publicação periódica
n.º 31 · Ano VII, 1/Setembro 1997

Propriedade:
Fundação Gomes Teixeira

Redacção:
Rua D. Manuel II · 4003 Porto Codex
Telf. 6073566/7
Telefax 6001725
E-mail bup@reit.up.pt

Registo na D.G.C.S.: 114891
Depósito legal: 41283/90
ISSN: 0871-7249

Tiragem: 7.000 exemplares

Preço por número: 500\$00
Assinatura (4 números): 2.000\$00

Execução gráfica:
Edições Afrontamento, Lda
R. Costa Cabral, 859 · 4200 Porto

É proibida a reprodução de artigos, gráficos ou fotografias sem a autorização escrita do Director.

Sumário

- 2 **Editorial**
- Painel**
"A Universidade e o Poder"
- 5 A Universidade e o Poder
António Teixeira Fernandes
- 11 Ambiguidades e Dilemas na Governação da Universidade
Jorge Correia Jesuino
- 19 Poder e Ciência em Portugal
Maria Eduarda Gonçalves
- 23 A Universidade e o Poder — Do Iluminismo à lei de autonomia
Cândido dos Santos
- 28 **Temas**
O Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras: Breve Retrato Estatístico, *Luís Grosso Correia*
- 34 **Entrevista**
"É à ordem que temos de pedir contas das desordens"
(entrevista a *Cândido da Agra* por *Paulo Gusmão Guedes*)
- 40 **Universidade**
Gestão da Informação no Sistema de Arquivo da Universidade do Porto: de projecto a realidade (40);
THENUCE — Um Novo Projecto de Formação Contínua Universitária (41);
II Congresso Português de Literatura Brasileira (42);
O Estado Pós-Colonial e a Questão Nacional em Angola (43);
Astroteca: o mais recente projecto do Centro de Astrofísica (44);
G. A. G. — Grupo de Amigos da Geologia. Um apontamento para a sua história (45);
Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996)
— Uma evocação, *Eugénio dos Santos* (46);
— Uma homenagem, *A. Custódio Gonçalves* (47);
— Homenagem em Santiago de Compostela, 2-4 de Outubro de 1997 (48)

O Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras: Breve Retrato Estatístico (1)

Lúis Grosso Correia

«Sensible students seek both a liberal education and a sound preparation for work. Sensible universities seek to provide both. Sensible employers expect both in the graduates they employ.» (2)

1. Falar de dentro para dentro

O presente artigo é, na sua essência, um pequeno exercício de (auto)avaliação diagnóstica, assente em números e quantidades, que tem como objectivos fulcrais, por um lado, contribuir para a compreensão da real extensão, validade académica, pertinência e significado do Ramo de Formação Educacional (RFE) no interior da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e, por outro, proporcionar uma maior substancialização dos juízos e das decisões que venham a ser tomadas sobre as estruturas formativas, curriculares e pedagógicas da escola.

Aproveito a oportunidade para, na breve duração do presente artigo, falar de dentro do RFE para dentro da FLUP, em particular, e da Universidade do Porto, em geral.

O RFE, criado em 1987 pela Portaria n.º 850/87, de 3 de Novembro, é uma componente curricular vocacional transversalmente integrada nos cursos de licenciatura da FLUP, excepto no de Sociologia.

A FLUP, que até então conferia licenciaturas unicamente pelo ramo científico (RC), passa também a formar licenciados pelos ramos educacional (RFE), nos cursos de Filosofia, Geografia e História (com variantes em Arqueologia e História da Arte) e Línguas e Literaturas Modernas (nas variantes de Estudos Portugueses, Francês-Alemão, Francês-Ingês, Ingês-Alemão, Português-Alemão, Português-Francês e Português-Ingês), e de tradução (RT), este último apenas circunscrito às variantes bilíngues de Línguas e Literaturas Modernas (LLM).

O acesso ao RFE é realizado, mediante o regime de *numerus clausus*, a partir do 3.º ano curricular de cada curso da escola. Existe, assim, um tronco de formação comum nos dois primeiros anos curriculares que, a partir do 3.º ano, se

ramifica «por diferentes alternativas, em função da diversidade de objectivos e saídas profissionais, designadamente a docência do 7.º ao 12.º anos de escolaridade, a docência no ensino superior, a investigação ou a actividade como intérprete ou tradutor» (Portaria n.º 850/87).

O RFE tem a duração de 5 anos curriculares, ao passo que o RC e o RT duram 4 e 4,5 anos, respectivamente.

Os 3.º e 4.º anos curriculares do RFE são estruturados por disciplinas das ciências da especialidade de cada um dos cursos e por disciplinas das ciências da educação (a saber: Introdução às Ciências da Educação, Organização e Desenvolvimento Curricular, Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e Metodologias do Ensino, específicas de cada um dos campos do saber: Alemão, Filosofia, Francês, Geografia, História, Ingês e Português), que adiante designaremos por disciplinas nucleares (3). O 5.º ano curricular do RFE compreende uma componente prática assente num Estágio e num Seminário Pedagógicos (que em Línguas e Literaturas Modernas, com a excepção da variante de Estudos Portugueses, são de natureza bi-disciplinar).

2. Retrato «à la minute»

2.1. Entre 1988-89 e 1995-96 a FLUP habilitou 2 263 licenciados para a docência profissional no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário através de dois regimes curriculares: um de Transição, que funcionou entre 1987-88 e 1994-1995, sob o formato de 2 anos curriculares pós-licenciatura na especialidade científica, e licenciou 940 efectivos; e outro, dito Normal, que produz licenciados desde 1991-1992.

Ao compararmos, em termos proporcionais, o volume de licenciados pelo RFE em Regime Curricular Normal com o do RC e RT, no quinquénio lectivo que vai de 1991-92 a 1995-96 (Figura 1), somos levados a destacar os seguintes resultados:

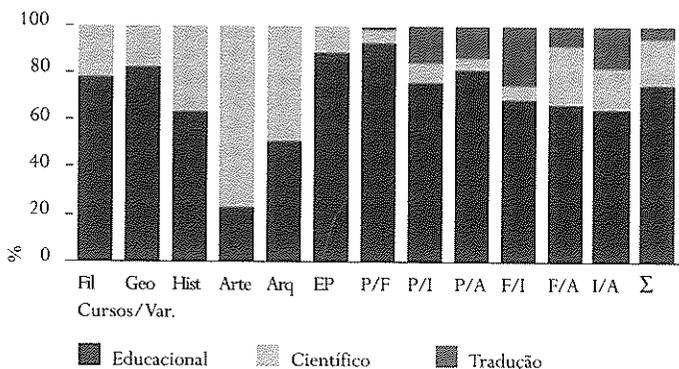
. no conjunto dos cursos com formação inicial de professores da FLUP, o RFE representa 74,8% dos licenciados, o RC 19,2% e o RT 6%;

(1) O presente artigo retoma parcialmente o trabalho que apresentámos ao «I Encontro de Questões Pedagógicas», organizado pelo Conselho Pedagógico da Faculdade de Letras em 30 de Outubro de 1996.

(2) BALL, Christopher, «Whose Universities Are They Anyway?». *Oxford Review of Education*, vol. 22, n.º 1, 1996, p. 83.

(3) A carga curricular das disciplinas de ciências da educação, nos quatro primeiros anos dos planos de estudo dos diferentes cursos, varia entre os 16,7% do curso de História e os 20% das variantes bilíngues de LLM. Fica, desta forma, patenteada a forte carga de ciências da especialidade na formação dos professores habilitados pela FLUP.

Figura 1: Licenciados pelo Regime Curricular Normal da FLUP, segundo os cursos, por ramos de formação e em percentagem cumulativa (1991/92-1995/96).



Fil - Filosofia; Geo - Geografia; Hist - História; Arte - História da Arte; Arq - Arqueologia; EP - Estudos Portugueses; P/F - Português/Francês; P/I - Português/Inglês; P/A - Português/Alemão; F/I - Francês/Inglês; F/A - Francês/Alemão; I/A - Inglês/Alemão; Σ - somatório.

· numa análise diferencial, destacam-se as variantes de Português/Francês (92%), Estudos Portugueses (88%), Português/Alemão (80,9%) e Português/Inglês (75,8%) de LLM, Geografia (82%) e Filosofia (78%) com taxas de licenciados pelo RFE acima da média geral;

· sendo indiscutível a supremacia do RFE sobre os demais ramos de formação (excepção feita às variantes de Arte e Arqueologia, as quais sofrem constrangimentos nas vagas de acesso ao RFE motivados pelo maior peso discente do curso de História), é importante relevar que, na maioria das variantes de LLM com RT, se verifica um comportamento discente que se define pela maior procura, como segunda opção vocacional (?), deste ramo de formação do que do RC (cf. Português-Inglês, Português-Alemão, Francês-Inglês e Inglês-Alemão).

Este comportamento, que poderemos classificar como de transfuga ao RC, parece traduzir, assim, um maior interesse dos alunos por formações de carácter mais técnico-científico, sempre que o leque de opções curriculares ultrapassa a dicotomia RFE-RC.

2.2. A análise da estrutura das inscrições dos alunos dos 3.º e 4.º anos, nos cursos com formação inicial de professores, indica-nos que os comportamentos que acima apresentámos encontram reunidas as condições necessárias para a sua reprodução, no mínimo, no próximo biénio lectivo (Quadro 1).

A partir desta abordagem torna-se mais visível a confirmação da FLUP como escola especializada na formação de professores. Se atentarmos, em particular, nos casos das variantes de História da Arte e Arqueologia do curso de História, que anteriormente registavam taxas de licenciados pelo RFE inferiores às do RC, constata-se a hegemonia daquele ramo em todos os cursos em análise.

2.3. Os docentes do RFE: Donde vêm? Quem são? Para onde vão?

2.3.1. As disciplinas nucleares do RFE conseguem gerar, pensamos que involuntariamente, uma ligação orgânica da

Quadro 1: Alunos matriculados nos 3.º e 4.º anos curriculares dos cursos de licenciatura da FLUP em 1995-96, segundo os ramos de formação.

Anos/ /Ramos	Cursos só com os Ramos Científico e Educacional								Cursos com os Ramos Científico, Educacional e de Tradução							
	Total		Cursos						Total	Variantes de LLM						
	N	%	Filos.	Geog.	Hist.	H. Arte	H. Arq.	LLM-EP		N	%	P/F	P/I	P/A	F/I	F/A
3.º Ano	373	100	83	92	76	31	30	61	348	100	92	93	16	47	9	91
Científico	103	27,6	25,3%	22,8%	34,2%	45,2%	46,7%	11,5%	27	7,8	7,6%	8,6%	12,5%	8,5%	11,1%	5,5%
Educacional	270	72,4	74,7%	77,2%	65,8%	54,8%	53,3%	88,5%	274	78,7	91,3%	81,7%	75%	74,5%	88,9%	65,9%
Tradução	—	—	—	—	—	—	—	—	47	13,5	2,2%	9,7%	12,5%	17,0%	—	28,6%
4.º Ano	248	100	71	60	77	23	18	81	440	100	98	74	27	41	11	117
Científico	92	37,1	22,5%	23,3%	41,6%	52,2%	50%	11,1%	33	7,5	10,2%	4,1%	3,7%	7,3%	—	13,7%
Educacional	156	62,9	77,5%	76,7%	58,9%	47,8%	50%	88,9%	349	79,3	85,7%	82,4%	81,5%	53,7%	100%	65,8%
Tradução	—	—	—	—	—	—	—	—	58	6,4	4,1%	13,5%	14,8%	39,0%	—	20,5%
3.º e 4.º Anos	621	100	154	152	143	54	48	142	788	100	190	167	43	88	20	208
Científico	195	31,4	24%	23%	40,6%	48,1%	48%	11,2%	60	7,6	9%	6,6%	6,9%	7,9%	5,0%	10,1%
Educacional	426	68,6	76%	77%	59,4%	51,9%	52%	88,7%	623	79,1	87,9%	82,0%	79,1%	64,8%	95%	65,8%
Tradução	—	—	—	—	—	—	—	—	105	13,3	3,1%	11,4%	13,9%	27,3%	—	24%

Quadro 2: Docentes das disciplinas nucleares do RFE, segundo as categorias contratuais, em Outubro de 1996

Disciplinas		Categorias						Total
		Requisit.	Leitores	Ass. Est.	Assist.	Ass. Conv.	Prof. Aux.	
Específicas	N	27	1	—	1	—	—	29
	%	93,1	3,4	—	3,4	—	—	100
Transversais	N	4	—	1	5	1	1	12
	%	33,3	—	8,3	41,7	8,3	8,3	100
Total	N	31	1	1	6	1	1	41
	%	75,6	2,4	2,4	14,6	2,4	2,4	100

Quadro 3: Docentes das disciplinas nucleares do RFE, segundo os graus académicos, em Outubro de 1996.

Graus académicos	Ciências		Total	
	Especialidade	Educação	N	%
Licenciatura	24	—	24	58,4
Mestrado	9	7	16	39
Doutoramento	—	1	1	2,4
Total	33	8	41	100

FLUP ao ensino não-superior pela mão da maioria dos seus docentes: é que 76% dos professores são requisitados aos ensinos básico e secundário do sistema educativo (Quadro 2).

A composição deste grupo de docentes (na qual não foi considerada a maioria dos orientadores pedagógicos, pois que estes se encontram integrados noutros quadros de carreira da escola) permite estabelecer uma distinção entre aquilo que, por comodidade de linguagem, designaremos por disciplinas específicas (Metodologia do Ensino de História, por exemplo; Estágio e Seminário Pedagógicos de ...) e as disciplinas transversais (Introdução às Ciências da Educação, Organização e Desenvolvimento Curricular e Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem), a saber:

- nas disciplinas específicas só existe uma docente integrada na carreira docente universitária;

- nas disciplinas transversais parece configurar-se uma maior estabilidade profissional, já que a proporção de professores de carreira é consideravelmente superior à dos professores requisitados.

2.3.2. A estrutura dos graus académicos dos docentes das disciplinas nucleares do RFE apresentava, em Outubro de 1996, um maior volume de licenciados do que de mestres e doutores (Quadro 3).

As especializações obtidas em cursos de mestrado e douto-

ramento pelos docentes em análise denotam uma maior opção pelas ciências da especialidade (Filosofia, Geografia, História, Linguística, Psicologia...) do que pelas ciências da educação propriamente ditas (Administração Escolar, Desenvolvimento Curricular...).

Na ausência de um quadro de carreira específico que institucionalmente recubra as disciplinas nucleares do RFE, parece configurar-se, assim, uma estratégia de adaptação dos docentes dessas disciplinas às áreas de especialização de uma Faculdade de Letras clássica, como é o caso da FLUP. Essa estratégia passa, assim, pela adopção de uma *identidade científica primeira*, assente nas disciplinas de origem de cada um dos professores, e por uma *identidade segunda*, que tem por referência o universo educativo (4). Aliás, até ao presente momento, esta é a única solução que a escola tem oferecido aos professores das disciplinas nucleares do RFE para estes obviarem e salvaguardarem a sua situação académica.

Esta estratégia de adaptação torna-se mais evidente quando analisamos os casos de mobilidade, ou melhor, de acumulação de funções docentes nos diferentes ramos de formação da FLUP, a saber:

- os casos de três professoras requisitadas, ligadas às disciplinas específicas, que leccionam duas disciplinas do RT e uma do RC do recém-criado curso de Estudos Europeus;

- o caso de duas professoras assistentes de uma disciplina

Quadro 4: Docentes da FLUP em Outubro de 1996, segundo as categorias contratuais, por cursos de licenciatura, RFE e alunos inscritos

Categorias	Cursos						Total
	Filosofia	Geografia	História	LLM	Sociologia	RFE	
Prof. Catedrático	4	2	12	8	1	—	27
Prof. Associado	6	4	9	10	—	—	29
Prof. Auxiliar	2	4	14	14	1	1	36
Assistente	3	7	7	19	7	6	49
Ass. Convidado	3	8	7	24	4	1	47
Ass. Estagiário	—	—	—	3	2	1	6
Leitor	—	—	—	35	—	1	36
Requisitado	2	1	1	1	—	31	36
Total	20	26	50	114	15	41	263
Alunos inscritos	346	506	608	2385	293	(1502)	4138
Rácio (A/P)	17,3	19,5	12,2	20,9	19,5	(36,6)	15,7

(4) Cf. NÓVOA, António, «As Ciências da Educação e os processos de mudança» in AAVV, Ciências da Educação e Mudança. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991, p. 31.

transversal do RFE que asseguram a docência de uma disciplina do 1.º ano curricular do curso de Filosofia.

De igual modo é possível falar-se de mobilidade de sentido contrário, ou seja, de fora para dentro do RFE: fazemos assim referência ao caso particular de um Professor Catedrático que junta aos deveres profissionais decorrentes do seu estatuto no curso de LLM a qualidade de orientador pedagógico de uma disciplina específica, a docência efectiva das aulas teóricas dessa mesma disciplina e ainda a supervisão de alguns núcleos de estágio pedagógico.

2.3.3. Para onde vão?

Esta é, em nossa opinião, a questão fulcral que os docentes das disciplinas nucleares do RFE gostariam de ver respondida.

Nove anos lectivos volvidos sobre a implementação do RFE na FLUP, subsiste ainda hoje em dia uma situação de indefinição, ou melhor, de não-definição de um quadro de carreira que institucionalmente ordene os 41 docentes do RFE.

Neste contexto de não-definição é que se torna inteligível a existência de um elevado número de pessoal requisitado ao ensino não-superior por parte das disciplinas específicas. Acresce referir ainda que estas disciplinas estão, presume-se que em termos tácitos e officiosos, integradas nos grupos científicos dos cursos de licenciatura da escola.

As disciplinas transversais, não obstante terem do ponto de vista pedagógico e científico os respectivos orientadores identificados, poderão ser consideradas como que disciplinas «flutuantes»: navegam à vista, ou melhor, prestam serviço a todas os cursos com formação inicial de professores, mas não podem ser «acolhidas» em nenhum «porto» ou sede de licenciatura da FLUP dadas as especificidades do seu *corpus* científico.

Verifica-se, assim, uma desarticulação entre as disciplinas nucleares que compõem o RFE, dado que elas são reconhecidas e «interiorizadas» pelos cursos de licenciatura, pré-existent na FLUP à data da implementação do RFE, de acordo com o seu grau de funcionalidade científica. Ou seja, se é possível incluir as disciplinas específicas dentro da lógica monodisciplinar que estrutura os diferentes campos do saber da FLUP, já em relação às disciplinas transversais tal é impossível de implementar, quer por defeito — a escola não tem uma área do saber ligada à Psicologia —, quer por motivos organizacionais, a saber: não há a tradição de estruturar os

saberes por áreas científicas alargadas e/ou interdisciplinares.

2.4. Para finalizar esta breve análise quantitativa, tomámos a liberdade de proceder a alguns acertos no mapa do pessoal docente da FLUP por forma a identificar e destacar o grupo de professores que lecciona as disciplinas nucleares do RFE no presente ano lectivo (1996-97). Para tanto, houve a necessidade de: destacar do Curso de LLM todos os docentes de carreira e o leitor de Alemão (integrado na disciplina de Metodologia do Ensino do Alemão) que leccionam disciplinas nucleares do RFE; retirar da lista de pessoal requisitado ao ensino não-superior o professor doutorado que, por razões da sua especialização em Educação, «flutua» fora dos quadros de carreira da FLUP; e, a partir da lista de pessoal requisitado, redistribuir pelas áreas de ensino e investigação correspondentes os professores que se encontram apenas burocraticamente ligados ao RFE (Quadro 4).

O resultado desta reorganização do pessoal docente da escola foi cruzado com o volume de alunos matriculados nos cursos de licenciatura de molde a aproximarmos-nos das rácios «brutas» (5) de alunos por professor (*A/P*) e, a partir destas, apercebermo-nos, numa rápida análise, das difíceis condições de trabalho dos professores das disciplinas nucleares do RFE.

Os resultados ora apresentados, conjugados com os conhecidos estrangulamentos que afectam as saídas profissionais dos licenciados pela FLUP, sejam eles professores profissionalizados ou outros, poderão ser encarados como um primeiro passo possível para a avaliação da situação de cada curso a nível de pessoal docente qualificado, volume de alunos, plano de estudos, eficiência e eficácia. A ponderação destes factores é condição necessária para que, à partida, sejam garantidos os princípios de inovação, qualificação, pertinência e exequibilidade das soluções curriculares que, numa eventual reforma, vierem a ser encontradas para o RFE, em particular, e para as demais áreas de formação científica, cultural e técnica da FLUP, em geral.

3. «Ni sans toi, ni avec toi»

O RFE é a área de formação da FLUP com maior procura discente, produção de licenciados e visibilidade exterior. Diríamos mesmo, numa observação algo sincrética, que os

(5) «Brutas», porque essa rácio deve, em primeira instância, ser ponderada no próprio terreno educativo, caso a caso, tendo por principais linhas de referência a turma, o professor e a disciplina.

curso de Letras têm, como sempre tiveram, em termos de mercado de trabalho, uma orientação predominante para o ensino. Daí, a pertinência e a centralidade da formação inicial de professores dentro da escola.

As funções de uma das maiores escolas da Universidade do Porto não se devem esgotar apenas na formação de professores. Só que, perante os resultados acima expostos, esta nossa afirmação poderá cair em saco roto. Parece-nos assim importante que a FLUP venha a desenvolver, em sede própria, uma reflexão e uma avaliação vigorosa sobre os seus objectivos estratégicos e as suas estruturas pedagógicas. Este processo de auto-avaliação formativa poderá conduzir à (re)definição e implementação de formações científicas e culturais e de técnicas inovadoras e significativas, do ponto de vista vocacional dos alunos, com soluções curriculares que, entre outros objectivos, capacitem os eventuais licenciados para as respostas a dar às oscilações conjunturais dos diferentes segmentos do mercado de trabalho, educativo ou outro.

As disciplinas nucleares do RFE são uma componente curricular fundamental da FLUP que, apesar da univocidade da sua função, não devem ser consideradas como um todo, institucional e sistémico-relacional. A partir do paradoxo que se verifica entre a estrutura do corpo docente correspondente a essas disciplinas e o «acolhimento» institucional diferenciado que lhes é prestado por parte dos cursos de licenciatura, pré-existent à data da implementação do RFE, somos levados a considerar que estes adoptaram, num primeiro momento, uma atitude de assepsia científica caracterizada pelo isolamento dos corpos disciplinares estranhos à organização curricular dominante na escola.

Essa atitude profiláctica tem vindo, contudo, a esbater-se através de um processo de «aculturação» científica operado pelas áreas de especialização da FLUP sobre as disciplinas nucleares do RFE. Esse processo torna-se mais visível quando analisamos os casos de mobilidade de docentes entre os diferentes ramos de formação da escola e a estrutura das especializações pós-licenciatura dos docentes das referidas disciplinas.

Na nossa opinião, torna-se urgente que a FLUP, no interesse da qualificação e do aprofundamento das suas funções pedagógicas, científicas, técnicas e sociais, assuma de forma unívoca e institucional a centralidade do RFE, a coesão do projecto curricular das disciplinas, nucleares e outras, que o compõem e a integração dos professores das disciplinas nucleares em quadros de carreira académica. Pensamos que só

desta forma é que serão criadas as condições para que:

- . o RFE alcance a maioria, podendo, então, imputar-se-lhe todos os direitos e deveres académicos dentro da FLUP;
- . os professores das disciplinas nucleares do RFE se valorizem dentro da própria escola e se co-responsabilizem pela gestão das suas carreiras académicas;
- . as dinâmicas científicas e pedagógicas conseguidas pelo RFE, através de iniciativas inovadoras e/ou de risco, venham a ser aproveitadas para o bem da Faculdade de Letras, em particular, e da Universidade do Porto, em geral.

O autor é Assistente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestre em História Moderna e Contemporânea.